

— Isso me espanta, redargüiu Clifford, porque o "eu" físico não passa dum embaraço. Vejo que as mulheres não sentem o supremo gozo da vida e do espírito.

— Supremo gozo? repetiu Constance, erguendo para ele os olhos. Acha um supremo gozo esse gênero de idiotices? Obrigada! Ah! Eu quero o físico, o corpo. A vida do corpo tem muito mais realidade que a espiritual! — no caso do corpo ser realmente vivo. Mas muita gente há, como esse autor aí, que não passa de um espírito amarrado a um cadáver.

Clifford olhava-a com espanto.

— A vida do corpo, disse ele, é a vida animal apenas.

— E isso vale mais que a vida dos cadáveres científicos. Mas não é assim. O corpo humano está apenas no começo do seu despertar para a vida. Entre os gregos brilhou como uma faísca breve e abafada por Platão e Aristóteles e depois extinta por Jesus. Mas hoje o corpo volta à vida, ressuscita. E que lindo não será no universo esta vida do corpo humano!

— Minha cara, você está falando como se fosse a designada para introduzir essa vida no mundo. E como vai a Veneza, espero que guarde um pouco de decência. Creia-me: se há um Deus, ele lentamente elimina do corpo os intestinos e demais vísceras para criar um ser mais elevado, mais espiritual.

— Creia-me! Por que hei de crer, Clifford, quando sinto que se há um Deus ele afinal acordou nas minhas entranhas e nelas circula com a alegre eclosão de uma aurora? Como crer no que você quer, se é justamente no contrário que eu creio?

— Realmente? Mas que determinou tamanha mudança? O banho nu na chuva ao modo das bacantes? O desejo de sensações novas? A perspectiva da estação em Veneza?

— Tudo junto! Acha inconveniente que me excite à idéia dessa viagem?

— A inconveniência está em revelá-lo com tamanha franqueza.

— Está bem. Guardarei comigo meus sentimentos.

— Inútil: Você até a mim transmite a exaltação. Chego a supor que sou eu quem parte.

— E por que não vai comigo, então?

— Já assentamos esse ponto; demais, imagino que a sua exaltação vem sobretudo de poder por umas semanas fugir de tudo isto aqui. Para você, nada mais excitante que a idéia dum adeus a Wragby. Mas toda partida leva a um encontro, dos encontros vêm novas ligações.

— Eu não quero nenhuma ligação nova.

— Cuidado! Olhe que os deuses ouvem!...

Mas Constance estava realmente excitada com a idéia de partir, de romper os laços que a prendiam àquele homem. Impossível não denunciar-se.

Clifford, sem poder dormir, jogou toda a noite com Mrs. Bolton, que quase morreu de sono.

Hilda devia chegar no dia seguinte. Constance combinou com Mellors que, se tudo corresse como tinham combinado, ela daria sinal com um xale verde suspenso à sua janela. Em caso contrário o xale seria vermelho.

Mrs. Bolton ajudou Constance a fazer as malas.

— Que bom para Madame mudar um pouco de ar!

— Creio que sim. Não receia ter de ocupar-se de Sir Clifford sozinha por todo esse tempo?

— Oh! Não. Sei lidar muito bem com ele. Não o acha muito melhor?

— Sim, melhor. Milagres de Mrs. Bolton...

— Antes fosse! Mas todos os homens são a mesma coisa: simples bebês. Querem ser levados e convencidos de que tudo fazem como desejam. Não acha que é assim, Madame?

— Não tenho grande experiência para achar ou não.

Constance interrompeu a arrumação por um instante.

— E seu marido? Sabia levá-lo qual um bebê? disse, encarando a outra.

Mrs. Bolton também interrompeu a arrumação.

— Claro que sim! Mas ele percebia o jogo, devo confessar. Mesmo assim cedia quase sempre.

— Não assumia nunca a atitude de dono e senhor?

— Não. Se eu notava em seus olhos um certo olhar, quem cedia era eu; mas geralmente quem cedia era ele. Não. Esse olhar de senhor ele nunca teve. Eu sabia até que ponto chegar.